



Veredas atemática
Volume 19 nº 2 – 2015

**Textos de diferentes gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas:
o caso do banco de dados VARSUL**

Maria Alice Tavares (UFRN)¹

RESUMO: Na sociolinguística variacionista, a entrevista sociolinguística é a fonte de dados mais frequentemente utilizada. Ela é um macrogênero textual que pode comportar diferentes gêneros. Face a esse fato, este estudo tem como objetivos: (i) mapear gêneros textuais em quinze entrevistas do banco de dados VARSUL; (ii) alertar sobre a importância do controle do gênero textual como fator condicionador; e (iii) propor estratégias metodológicas para esse controle. Como resultado, mostro que, nas entrevistas analisadas, aparecem diferentes gêneros, destacando-se narrativas de experiência pessoal, relatos de opinião e narrativas habituais. Além disso, sugiro algumas estratégias metodológicas para o controle dos gêneros textuais em entrevistas sociolinguísticas.

Palavras-chave: entrevista sociolinguística; macrogênero textual; VARSUL

Introdução

A sociolinguística variacionista dedica-se ao estudo dos fenômenos de variação e mudança linguística envolvendo formas alternativas de mesmo significado ou função – ditas ‘formas variantes’ –, que são vistas como competindo entre si. Pesquisas feitas à luz da sociolinguística variacionista trouxeram evidências de que a língua é uma estrutura heterogênea inerentemente variável, sincrônica e diacronicamente, e de que a variação é

¹ Este estudo recebeu o apoio do CNPq (processo nº 308245/2011-3). Agradeço à professora Edair M. Gorski (UFSC/PPGLIN) pela leitura atenta do texto e pelas valiosas sugestões.

passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas, sociais e estilísticas, que podem ser mapeadas quantitativamente. Além de ser uma característica essencial da língua, a variação é também um pré-requisito para a mudança linguística, podendo representar uma etapa de um processo de mudança em andamento que eventualmente será consolidada em um período de tempo posterior (cf. LABOV, 2008[1972]; WATT, 2007; TAGLIAMONTE, 2012).

Pesquisadores sociolinguistas recorrem a textos de diferentes gêneros para a constituição dos *corpora* de onde são extraídos os dados para a análise (cf. FEAGIN, 2002; MILROY; GORDON, 2003; MOLLICA; BRAGA, 2003; TAGLIAMONTE, 2012). No entanto, as entrevistas sociolinguísticas ainda são, desde a sua elaboração capitaneada por Labov (1966, 2008[1972], 1984), o *corpus* mais frequentemente utilizado nas pesquisas variacionistas, o que se confirma nas palavras de Milroy e Gordon (2003, p. 57): as “entrevistas têm sido, tradicionalmente, a abordagem mais comum para a coleta de dados entre sociolinguistas”, bem como na afirmação de Feagin (2003, p. 25) de que “a entrevista sociolinguística é o principal método da sociolinguística quantitativa”.²

Pretendo, neste texto, contribuir para a ampliação do conhecimento sobre as características da entrevista sociolinguística voltando-me para um aspecto não raro negligenciado em estudos variacionistas que a ela recorrem como manancial de dados (cf. MONDORF, 2010): a questão dos diferentes gêneros textuais que podem ser produzidos nesse tipo de entrevista. Considero, pois, que a entrevista sociolinguística é um macrogênero textual (cf. MARTIN, 1994, 2002; MARTIN; ROSE, 2008), já que ela é, em si, um gênero textual, e, além disso, costuma dar abrigo a diferentes gêneros textuais.

Mais especificamente, tenho os seguintes objetivos: (i) descrever e exemplificar alguns dos gêneros textuais tecidos em entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados Variação Linguística da Região Sul (VARSUL); (ii) levantar e discutir motivações para o controle de gêneros textuais em pesquisas que utilizem a entrevista sociolinguística como *corpus*; (iii) propor estratégias metodológicas que podem ser adotadas para o controle de gêneros textuais produzidos em entrevistas sociolinguísticas.

Para tanto, na próxima seção, caracterizo a entrevista sociolinguística como um macrogênero. Na sequência, apresento o banco de dados VARSUL. A seguir, descrevo e ilustro alguns dos gêneros textuais mais frequentes em 15 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL tomadas como *corpus* neste estudo. Por fim, aponto duas maneiras pelas quais os gêneros textuais podem exercer influência sobre a variação linguística e sugiro diferentes formas de controle do gênero textual em entrevistas sociolinguísticas.

1. Entrevista sociolinguística: um macrogênero

Martin e Rose (2008) definem os gêneros textuais como sendo padrões de textos globais caracterizados por configurações de significado recorrentes que organizam as práticas sociais de uma determinada cultura, sendo orientados para um objetivo específico, de natureza social, visto que falantes e ouvintes moldam seus textos para ouvintes e leitores de diferentes tipos.

Para qual objetivo orienta-se a entrevista sociolinguística? Essa entrevista é um gênero textual que foi elaborado especialmente com o objetivo de servir de *corpus* para estudos feitos

² As traduções são de minha responsabilidade.

no âmbito da sociolinguística variacionista (cf. PAREDES SILVA, 1997, 2010; FREITAG *et al.*, 2009; TAVARES, 2011, 2012). Nessa vertente de pesquisa, a coleta de um grande número de dados é necessária para a aplicação de instrumentais estatísticos que revelam tendências quantitativas de distribuição social, linguística e estilística das formas variantes investigadas. Embora considere que seja da conversação que emergem os melhores dados vernaculares,³ Labov (2001a, p. 115) alerta que, dependendo do fenômeno variável focalizado, é difícil conseguir, na conversação, ocorrências suficientes de cada falante. Em contraste, as entrevistas sociolinguísticas, por terem, em geral, aproximadamente uma hora de duração, podem possibilitar o recolhimento de uma boa quantidade de dados de inúmeros fenômenos variáveis.⁴

Como argumentos para o uso das entrevistas sociolinguísticas no estudo da variação, Labov (*op. cit.*) menciona ainda que elas permitem a obtenção de resultados quantitativos sólidos, replicáveis e comparáveis entre si. A esse respeito, Eckert (2001, p. 119) afirma que a entrevista sociolinguística é um evento de fala construído com a intenção de “maximizar a comparabilidade de amostras de fala de múltiplos falantes”.

Além disso, para Labov (2001a), as entrevistas sociolinguísticas são as melhores fontes para a coleta de dados quando se visa o estudo da variação estilística na totalidade de uma comunidade de fala, uma vez que essas entrevistas são produzidas por uma amostra representativa de membros da comunidade, incluindo indivíduos de diferentes classes sociais, etnias, idades, sexos, etc. Recorrendo a elas, o pesquisador pode ter facilitada a descoberta de padrões de variação social e estilística partilhados pelos membros da comunidade averiguada.

Para cumprir o objetivo de obtenção de uma grande quantidade de fala de membros de uma dada comunidade, a entrevista sociolinguística é conduzida por um entrevistador que estimula o informante a discorrer sobre diversos tópicos e a manter a palavra a maior parte do tempo. A entrevista tende a ser considerada um fracasso se o informante não fizer mais do que apenas fornecer respostas curtas às perguntas (cf. TAGLIAMONTE, 2006, 2012). Como forma de tentar evitar esse problema, Milroy e Gordon (2003, p. 61) aconselham os entrevistadores a “se preocupar com a elaboração de perguntas que irão gerar respostas conversacionais longas”.

Nas entrevistas sociolinguísticas bem sucedidas, o informante costuma deter a palavra em turnos de grande extensão, falando sobre tópicos sugeridos pelo entrevistador ou introduzindo os próprios tópicos. Macaulay (1991), ao comparar entrevistas sociolinguísticas feitas por ele em Ayr, na Escócia, constatou que os informantes trouxeram à tona metade dos tópicos abordados, o que revela que esses informantes foram participantes ativos nas entrevistas. Além disso, mesmo quando se tratava de tópicos introduzidos pelo entrevistador, houve bastante envolvimento dos informantes, que não forneciam apenas respostas curtas às questões: “os falantes foram tão tagarelas nos tópicos levantados por mim quanto naqueles que eles mesmos iniciaram” (MACAULAY, 1991, p. 204).

³ O vernáculo é definido por Labov como “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala” (LABOV, 2008 [1972], p. 244), sendo, por essa razão, o melhor estilo para a coleta de dados casuais e espontâneos, que constituem o principal alvo de estudo da sociolinguística variacionista. A conversação é considerada o mais informal dos gêneros textuais porque é nela que o vernáculo tende a ser manifestar com mais frequência (cf. LABOV, 2001a).

⁴ Aponto, porém, que, em pesquisas recentes, vêm sendo tecidas comparações entre fenômenos variáveis encontrados na entrevista sociolinguística e na conversação cotidiana (cf., por exemplo, Gregersen; Barner-Rasmussen, 2011; Koven, 2011; Travis, 2007). Essas pesquisas trazem à tona vantagens e desvantagens da realização do estudo da variação linguística tomando como fonte de dados esses gêneros textuais – em conjunto ou separadamente.

Muitas vezes, os trechos longos da fala do informante ganham a forma de diferentes gêneros textuais, o que faz da entrevista sociolinguística um macrogênero textual. Martin (1994, 2002) denomina encaixamento (*embedding*) o fenômeno de ocorrência de um gênero textual dentro de outro, e adota o termo “macrogênero”⁵ em referência a um gênero textual que abriga outros gêneros textuais. O autor afirma que cada um dos gêneros inseridos em um macrogênero funciona como um estágio do desenvolvimento deste. Como exemplo, aponto que podemos encontrar o gênero narrativa de experiência pessoal (cf. seção 3) dentro dos macrogêneros conversação cotidiana, aula, romance, carta pessoal, entrevista jornalística, entrevista sociolinguística, entre outros.

Urge diferenciar *gênero textual* de *sequência textual*. Os gêneros são formas textuais estabilizadas, histórica e socialmente situadas, embora maleáveis e dinâmicas, pois atendem às necessidades comunicativas humanas imediatas, que variam a cada comunidade e período de tempo. Caracterizam-se mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Há inúmeros gêneros, alguns com manifestação possível através das modalidades oral e escrita da língua, outros apenas realizando-se em uma delas: conversação cotidiana, telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, bilhete, aula expositiva, peça teatral, reunião de condomínio, horóscopo, *e-mail*, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, *outdoor* etc.

Em contraste, as sequências textuais são definidas especialmente pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, morfossintáticos, semânticos): narrativa, argumentativa, descritiva, explicativa, injuntiva e dialogal. Um mesmo gênero textual pode ser composto por duas ou mais dessas sequências. É possível, por exemplo, que um único *e-mail* contenha sequências narrativas, argumentativas, injuntivas etc. Os gêneros podem ser distribuídos em classes consoante os traços das sequências que os caracterizam. Assim, gêneros como a narrativa de experiência pessoal, a narrativa vicária, o romance, o conto, o laudo de acidente e a notícia pertencem à classe dos gêneros narrativos, por conterem, prototipicamente, sequências narrativas. (cf. BONINI, 2005; MARCUSCHI, 2003). No entanto, cada um desses gêneros pode comportar, além das predominantes sequências narrativas, também sequências argumentativas, descritivas, explicativas, injuntivas e dialogais.

Para averiguar quais gêneros textuais podem ser encontrados dentro de entrevistas sociolinguísticas pertencentes ao banco de dados VARSUL, organizei um *corpus* composto por 15 entrevistas, sendo 5 de cada uma das capitais dos três estados abrangidos pelo banco de dados em questão: Porto Alegre (RS), Florianópolis (SC) e Curitiba (PR). Macaulay (1991) pontua que, quanto mais longa for uma entrevista sociolinguística, maior será a possibilidade de ocorrerem nela diferentes gêneros textuais. Neste estudo, as entrevistas têm cada uma cerca de 60 minutos de duração, o que tende a ser tempo suficiente para que o informante produza gêneros textuais variados. Na próxima seção, apresento com maior detalhamento o banco de dados VARSUL.

Cabe aqui, porém, um alerta. Apesar de ser muito relevante no momento atual, em que pesquisadores sociolinguistas têm começado a manifestar interesse crescente quanto a possíveis influências exercidas pelo gênero textual sobre diferentes fenômenos variáveis (confira-se, por exemplo, a coletânea de textos organizada por Dorgeloh e Wanner (2010)), a

⁵ Lembro, porém, que o termo “macrogênero” também pode ser aplicado em referência às grandes famílias ou grupos de gêneros textuais. Nesse sentido, o conjunto dos gêneros narrativos, por exemplo, é um macrogênero, incluindo a totalidade dos gêneros narrativos existentes.

discussão aprofundada sobre (in)compatibilidades teórico-metodológicas existentes entre uma ou mais teorias de gênero e a sociolinguística variacionista foge ao escopo deste texto.⁶ Fica, porém, como uma sugestão para futuras reflexões.

2. O banco de dados VARSUL

O banco de dados VARSUL foi composto por quatro universidades (UFSC, UFPR, UFRGS e PUC-RS)⁷ através da documentação do português falado em diferentes áreas dos estados da Região Sul do Brasil. O armazenamento de amostras da fala de habitantes dessas áreas teve os seguintes objetivos principais: i) oferecer à comunidade acadêmica um *corpus* de oralidade representativo da Região Sul; ii) promover a descrição dos vários aspectos do português falado no sul do Brasil; iii) fornecer um *corpus* ideal para a investigação de fenômenos de variação e mudança linguística; (iv) permitir a testagem e o desenvolvimento de teorias linguísticas; (v) contribuir para a formação de novos pesquisadores; (vi) fomentar a elaboração de programas educacionais voltados ao respeito às diferentes variedades linguísticas (cf. KNIES; COSTA, 1996; BISOL; MENON; TASCA, 2008).

O banco de dados VARSUL foi constituído segundo postulados da sociolinguística variacionista (cf. VANDRESEN, 2002), através da gravação, transcrição e armazenamento de 24 entrevistas com falantes nativos de quatro regiões socioculturalmente representativas de cada um dos três estados sulistas, em um total de doze cidades selecionadas. Assim, foram organizadas 288 entrevistas no total nessa primeira fase de constituição do banco de dados VARSUL, iniciada em 1989 e concluída em 1996. Desde então, têm sido coletadas entrevistas com informantes de características sociais não contempladas na primeira etapa.

Na amostra das 288 entrevistas sociolinguísticas iniciais, os informantes distribuem-se homogeneamente quanto aos seguintes fatores: (i) sexo: homem e mulher; (ii) idade: de 25 até 50 anos e mais de 50 anos; (iii) nível de instrução: nível fundamental I – de 1 a 4 anos de escolaridade, nível fundamental II – de 5 a 8 anos de escolaridade e nível médio – de 9 a 11 anos de escolaridade; (iv) localidades: capitais e grupos étnicos ou sociolinguísticos culturalmente representativos de cada um dos estados.

Nessa amostra, as cidades incluídas foram: (i) do Rio Grande do Sul: Porto Alegre (capital), Flores da Cunha (colonização italiana), Panambi (colonização alemã) e São Borja (fronteira com contato com o espanhol); (ii) de Santa Catarina: Florianópolis (capital), Lages (caminho dos tropeiros), Blumenau (colonização alemã) e Chapecó (colonização italiana); (iii) do Paraná: Curitiba (capital), Londrina (colonização mineira e paulista), Irati (colonização eslava) e Pato Branco (colonização gaúcha).

As entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL são entrevistas semiestruturadas ou mesmo não estruturadas (cf. KAJORNBOON, 2004), uma vez que tendem a ser flexíveis, casuais e não dirigidas, isto é, não é necessário seguir um roteiro de perguntas detalhado (embora um roteiro de perguntas possa ter servido de guia para o entrevistador) e não é necessário fazer as perguntas na mesma ordem para todos os informantes.

⁶ O estudo dos gêneros textuais ou discursivos tem se disseminado por várias correntes teóricas, que podem ser agrupadas em três tipos distintos de abordagem: sociosemióticas, sociorretóricas e sociodiscursivas (cf. MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005).

⁷ Mais informações sobre o banco de dados VARSUL podem ser obtidas no seguinte *site*: <http://www.varsul.org.br/>.

Macaulay (1991) chama esse tipo de entrevista sociolinguística de “entrevista espontânea”, em oposição à “entrevista clássica” inicialmente proposta por Labov. A entrevista clássica compreendia diferentes seções que serviam para eliciar uma variedade de estilos de fala. Na primeira seção, correspondente à porção conversacional, o informante tenderia a adotar um estilo casual ou ligeiramente mais cuidadoso, dependendo das circunstâncias. Nas seções seguintes, o informante produziria uma fala cada vez mais monitorada: primeiro lia um texto, depois uma lista de palavras e, por fim, uma lista de pares mínimos⁸ (cf. LABOV 2008[1972]). Em contraste, na entrevista espontânea, ocorre apenas a entrevista propriamente dita (a porção conversacional da entrevista clássica), caso das entrevistas do banco de dados do VARSUL (cf. VALLE; GÖRSKI, 2014).

Sobre as entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL, Collischonn e Monaretto (2012, p. 836) afirmam que:

Seguindo a metodologia laboviana, as entrevistas buscam ser representativas da linguagem falada (autêntica e natural, na medida do possível). Por isso, busca-se deixar o informante discorrer sobre diversos temas (em geral, sobre algum aspecto da história de vida do entrevistado), sem muita interferência do entrevistador, justamente para tentar minimizar a artificialidade da situação.

É justamente porque o informante é estimulado a discorrer de forma relativamente livre sobre tópicos diversos que tendem a emergir, em alguns trechos das entrevistas sociolinguísticas, gêneros textuais variados, que podem ser distinguidos entre si. Na próxima seção, lanço o foco sobre alguns dos gêneros textuais que mapeei nas entrevistas do banco de dados VARSUL.

3. Gêneros textuais nas entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL

Ao analisar 15 entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL no que diz respeito a possíveis gêneros textuais nelas existentes, verifiquei que os seguintes gêneros se sobressaem em termos de recorrência: narrativas de experiência pessoal, relatos de opinião e narrativas habituais.⁹ Todavia, nessas entrevistas aparecem também anedotas, receitas culinárias e outros gêneros instrutivos, como instruções para chegar a algum lugar, para jogar um jogo etc., além de vários tipos de narrativas, como narrativas de experiência vicária, narrativas autobiográficas, narrativas biográficas, narrativas projetadas, narrativas reportando enredos de romances, filmes e novelas, narrativas recontando lendas etc.

Os diferentes gêneros textuais são produzidos no decorrer das entrevistas sociolinguísticas em resposta a perguntas feitas pelo entrevistador ou de forma espontânea, inspirando-se o informante, em geral, por algo que vinha dizendo. A seguir, descrevo e exemplifico alguns desses gêneros: a narrativa de experiência pessoal, a narrativa habitual, o

⁸ Pares mínimos são duplas de palavras que diferem em apenas um segmento, a exemplo de “mala” e “bala”, “dia” e “tia”, “dado” e “gado”.

⁹ Como ainda estou no processo de identificação de gêneros textuais em meu *corpus* de entrevistas sociolinguísticas, não tenho números para reportar aqui no que se refere aos gêneros que se encontram nessas entrevistas.

relato de opinião, a narrativa vicária, a narrativa autobiográfica, a narrativa reportando enredo de filme, a receita culinária e a anedota.

A narrativa de experiência pessoal é uma narrativa não ficcional em que o narrador conta um ou mais eventos que se passaram em certo tempo e lugar, envolvendo a si mesmo e, talvez, a outros indivíduos. Em geral, esses eventos representam, para o narrador, fatos extraordinários de sua vida, isto é, eventos que aconteceram com ele e lhe provocaram emoções fortes como medo, tristeza, alegria ou raiva (cf. LABOV; WALETSKY, 2003 [1967]; LABOV, 2001a, 2004, 2013). Em (1), há uma narrativa de experiência pessoal em que é contada uma situação de perigo de morte em que esteve envolvido o informante.

(1) E: Alguma vez, assim, teve alguma tragédia que tivesse alguma coisa, assim, algum perigo grave que tu achaste que ia te acontecer alguma coisa?

I: Ah, aconteceu sim. [Nós fomos] eu me lembro que nós fomos pra uma praia [uma] é Caieira. Conheces essa praia? Pois é, é aqui, né? E a gente se <met> Aliás, como pra variar, né? a gente [se meteu] começou, assim, a andar [pela] [pela] pela estrada, foi, foi, foi. Aí chegou [num] num determinado ponto, a gente queria voltar [pela praia] pelas pedras, né? Porque tinha uma parte que adentrava no mar e voltava pelas pedras, né? E era bem [<peri>] perigoso. E a gente foi. Aí eu disse: "Meu Deus do céu", [foi] foi um desespero, foi um desespero! Não dava pra voltar. Chega uma determinada hora que não dá mais pra voltar. E o mar [<ta>] estava subindo [Foi um] foi uma coisa horrorosa, sabes? Ali, não sei, [ali] na hora, eu fiquei com medo porque eu achava que a gente não ia conseguir mais voltar, né? Tu vias a praia, tudo, mas não tinham condições. As pedras, chegando nesse ponto, [eram muito] ficavam muito dentro da água, porque [estava] a maré estava subindo. Então não dava. [Nesses dias] essa época aí, [esse] esse dia, né? não seria época, dia, foi uma coisa que me marcou muito. Eu tive bastante medo. Na época, não era mais uma brincadeira, não era como a gente fazia de escuro, de pular dentro do buraco. Não era mais uma brincadeira, aí era uma coisa verdadeira mesmo. É que estava todo mundo ali e não tinha ninguém pra ajudar a gente, né? Aí eu lembro que [a gente] a gente, assim, [deu] se deu as mãos e a gente rezou muito, muito, muito. Aí depois disso, acho que, né? depois [da] da prece que a gente fez, a gente, daí, consegui passar. Mas foi, assim, uma coisa <assustante>, pra gente, porque a gente era pequena, uma coisa [<assusta>] assustadora. A gente era pequena. Então [foi] [foi bem] isso me marcou bastante. O medo, né? Porque antes era tudo brincadeira. [A gente sempre] aliás a gente sempre se metia nas coisas, mas era todo mundo junto. Sempre tinha alguma coisa, né? Quando a gente ia dentro do mato, encontrava alguém estranho, mas estava todo mundo junto. Saía correndo, chegava na casa do avô. E ali não, era mar, não tinha ninguém, não tinha mãe perto, não tinha avô, não tinha ninguém perto. E a gente estava sozinho, se viu sozinho, né? Aí [foi] foi bem assustador. Isso foi uma coisa que marcou bastante. (Entrevista 01/Florianópolis)¹⁰

O rótulo ‘narrativa habitual’ é empregado por Riessman (1991) para o mesmo gênero textual que Labov (2001a) chama de “pseudonarrativa” e Silva e Macedo (1996) chamam de “descrição de vida”. Trata-se de um gênero textual caracterizado pela descrição de eventos que ocorriam habitualmente no passado, envolvendo o falante e/ou outros indivíduos, com

¹⁰ A entrevista da qual foi extraído cada gênero textual aqui apresentado é identificada pelo número e pela cidade de origem do informante. O código E corresponde ao entrevistador e o código I ao informante.

predomínio de verbos no pretérito imperfeito. Em (2), temos uma narrativa habitual em que o informante conta um episódio de sua infância envolvendo uma zeladora que distribuía entre alguns alunos as merendas que sobravam na escola.

(2) E: Já tinha merenda [naquele] tempo?

I: [Já], já tinha na escola, assim, tinha que eu me lembro bem. Tinha [a <D>] a zeladora, que |chamava-se| Dona L., né? Então, ela era tão boazinha, ela era tão humana! Aí terminava a hora do recreio, ela ia de sala em sala, pegava dois, três, todo dia, de cada sala, pra ir comer aquelas tigelinhas de merenda que sobravam que eles não vendiam. E vendiam baratinho, não era dado, né? as merendas. É, então aquelas tigelinhas, vendiam baratinho. Então, quando sobravam, então a gente estudava na aula à tarde, então daí não ia ter mais aula, não tinha aula à noite, nada, né? Então eles não podiam guardar. Então ela ia lá na porta, abria a porta assim da sala e- e chamava assim [o que ela <qui>] quem ela quisesse pra ir aproveitar aquelas merendas, né? Então |eu era <peixinha>| né? sempre eu ia. Então era gostoso, eu tinha comido na hora do recreio, mas depois [que] que entrava pra dentro da sala de aula lá, a gente ia lá na cantina comer as merendas que sobravam, né? Então o que eu me lembro bem [<er>] [<er>] era da Dona L., essa zeladora. (Entrevista 10/Curitiba)

No relato de opinião, ocorre a defesa do ponto de vista do falante sobre um certo tema visando o convencimento e a adesão do interlocutor a esse ponto de vista. O tema sobre o qual discorre o falante em um relato de opinião geralmente tem natureza polêmica e costuma ser de interesse público, podendo envolver os mais variados âmbitos (social, político, econômico, religioso, cultural, científico etc.). Em (3), temos um relato de opinião em que o informante argumenta sobre a questão do surgimento de várias congregações religiosas.

(3) E: Que que você acha da religião hoje, não igreja, né? religião mesmo e coisa, e até de surgimento de várias congregações?

I: É um baita de um comércio, né? É um comércio que- Eu acho que é um dos melhores, né? porque todas as igrejas que surgem, |religião nova|, todo mundo fica rico, né? que gozado que é, né? E surge uma ali já se compra [um] um terreno lá em cima, já faz outra. Então hoje já não existe mais religião, existe o comércio, então como está desacreditada a religião. O cara quer saber se foi ("pago tudo"), dali a pouco vem a sacolinha, então eles querem dinheiro, eles não querem pregar a palavra de- Eu sei lá, eu acho que a religião você tem que- em casa você faz tua oração lá, se você acredita em Deus ou não acredita. Ontem mesmo fiquei assistindo o Jornal Nacional lá, que o bispo lá falou que era não sei o que e roubou dinheiro da igreja, então quer dizer, isso aí cada vez mais se faz. (Entrevista 7/Curitiba)

Em uma narrativa vicária (ou narrativa recontada), o falante relata uma história que se passou com outra pessoa, e que lhe foi contada por essa pessoa ou por um terceiro elemento (cf. LABOV, 2001a). Em (4), temos uma narrativa vicária em que o informante narra uma tentativa de assalto sofrida por sua vizinha.

(4) E: Lá tem.

I: Tem um módulo policial. Agora aqui na nossa redondeza não tem. Inclusive você veja, em matéria de segurança, você perguntou. É, nós tivemos aqui pra frente [da] pra diante da minha casa, [teve um] tem uma vizinha ali que teve uma noite forçaram a porta da casa dela. Então o J., esse meu filho segundo, esse meu filho aqui, que é depois da J., segundo, eu digo que é depois da J., ele correu lá com um pedaço de madeira pra ver se o cara corria. Nós chamamos a polícia, o cara se mandou, correu embora, porque [<co>] correu o meu filho, correu um monte de pessoas lá, ela começou a gritar na janela por socorro, ele estava forçando a porta, inclusive ela tinha sido um mês antes sido visitada por ladrão, né? Então, naquela noite ela achou decerto que estavam forçando a porta que talvez, [os] por estar sabendo, o ladrão tinha voltado, né? E eu sei que nós chamamos o módulo policial, não veio! (Entrevista 10/Curitiba)

Em uma narrativa autobiográfica, o falante conta passagens de sua história de vida (cf. MARTIN, 2000). Esse gênero da esfera narrativa diferencia-se de outros gêneros da mesma esfera, como a narrativa de experiência pessoal e a narrativa vicária, por não contar com um estágio de ação complicadora e por não seguir necessariamente uma ordenação temporal de eventos. Em (5), temos uma narrativa autobiográfica em que o informante conta passagens de sua vida profissional, desde o primeiro emprego até a aposentadoria.

(5) E: E trabalhando bastante tempo assim [na] mais no ramo [de] de [(init)].

I: [É, eu trabalhei].

E: Laboratórios, enfim.

I: Bom, [eu] [eu] primeiramente eu [trabalhei] trabalhava com meu pai, né? Meu pai tinha um armazém de secos e molhados, naquela época. Depois que me casei, foi que eu fui pra Rua Q. onde fiz aquele negócio [com] com um amigo meu, amigo e compadre. Depois [foi a ver] a ser meu compadre, né? E depois que eu saí de lá que eu comecei viajar, fui convidado pra um negócio lá [do][do][do] [negócio lá da] negócio da Rua Q. não foi muito bem sucedido, então antes de perder, então a gente passou pra frente. E aí eu [fui] [fui lá <pr>] fui convidado pra trabalhar na Drogaria M., como vendedor. Nunca tinha sido vendedor, mas trabalhei, graças a Deus fui bem sucedido. Mas trabalhei pouco tempo na M., porque pagavam muito mal. [Eu] eu recebi ofertas melhores assim. Eu fui mudando, de acordo com a oferta eu ia indo pra frente, né? Até onde eu cheguei. Graças a isso que a minha situação hoje- Tenho uma situação privilegiada, né? Não tenho problema nenhum. Graças a Deus. Não tenho dívidas. E isso é uma grande coisa [pra] pra gente chegar, por exemplo, [e] e [eu <se>] eu sempre tinha, quando mais jovem, [a minha] a minha intenção era trabalhar até os sessenta anos e em sessenta anos ter condições de me aposentar e [não] não trabalhar mais. [E] e foi o que eu fiz. Depois dos sessenta anos, me aposentei, quer dizer, ainda trabalhei mais [uns] aliás, me aposentei com cinquenta e oito anos, que eu trabalhei até sessenta e quatro, ainda fui readmitido na firma depois de aposentado, né? Aí, depois saí e aí não trabalhei mais, quer dizer, não trabalhei mais [como] como [empregado], nem nada. Fazia minhas coisas em casa, né? Aí tratei de passear, de cuidar do quintal, cuidar das minhas árvores frutíferas, aí. (Entrevista 2/Curitiba)

Em uma narrativa reportando enredo de filme, o falante relata o enredo de um filme a que assistiu, destacando os personagens e os eventos principais envolvidos na trama, e, às vezes, avaliando positiva ou negativamente o filme. Em (6), temos uma narrativa reportando o enredo de um filme sobre extraterrestres assistido pelo informante e por ele avaliado positivamente.

(6) I: Que eu assisti foi ("Star Gate"), também ficção científica. [...] [É um <po->]- é um pouco- O Star Gate mesmo, no caso, é-

E: Capitão, né?

I: (Inint) estrelado, né? Então [é]- descobriram um (inint) estrelar na pirâmide, nas pirâmides, né? e isso em mil novecentos e vinte e tanto, vinte e dois, vinte e dois, vinte e três. E aí [no]- no começo ("do filme não"), aí nos dias atuais [ele]- ele era um assim um arqueólogo, né? um cara bem novo assim, por sinal, mas muito inteligente, né? [Pegou e]- pegaram ele pra desvendar o que faltava, né? no caso, um símbolo que era o sétimo símbolo. Eles estavam a dois anos pra adivinhar esse símbolo, aí ele foi lá e em quinze minutos, ou quatro dias, se eu não me engano, em quinze minutos ele decifrou um monte de coisa, que ele logo chegou lá. E depois de quatro dias ele já teve decifrado o sétimo símbolo. Aí eles entraram nessa passagem e [foram cair]- e foram parar em outro sistema, outro sistema solar super distante da terra, (inint) local muito parecido com o Egito, né? Então aí [é]- começaram associar ela e aquele povo do Egito, no caso [não]- [não seria um]- [é]- seria um [é]- terráqueos, mas dominados por extraterrestres, né? Então [a]- uma situação bem assim, bem envolvente, né? [Muito]- muito bacana, né? E até no filme faltava só o finalzinho assim, o (inint) [mas é]- e aí as pessoas [<ne->]- nesse planeta são iguais, são terráqueos também, entendeu? forma de terráqueos, né? E ele conhece [uma]- [uma]- e o dialeto deles é um dialeto bem antigo do povo [<egi->]- [dos]- os egípcios, né? Então [ele]- ele antes não entendia, aí depois [começou]- [<co->]- começou a- Porque ele sabe várias línguas, no caso, né? antigas, né? Aí não- [...] Arqueólogo [que vem]-

E: [Arqueólogo, é]-

I: Também tem isso, né? Daí ele conheceu uma mulher muito linda, até por sinal, e acabou ficando lá. Eles conseguiram derrotar [o]- o [<ca->]- o alienígena que estava lá, que era o imperador lá de anos, né? Conseguiram derrotar, tal, tal, liberaram é [a]- [a]- tiraram o povo deles da escravidão, né? e ele ficou lá também e o resto foi. Os outros soldados foram, que era uma expedição, né? com soldados e tudo, foram pra casa e ele ficou, né? E esse aí foi um filme que marcou. (Entrevista 3/Florianópolis)

Em uma receita culinária, o falante ensina como preparar um alimento, geralmente uma iguaria. Para tanto, ele enumera os ingredientes necessários e descreve as etapas de preparo do prato. Em (7), o informante apresenta uma receita de xinxim de galinha.

(7) E: O senhor cozinha?

I: Ah! Isso eu sou muito bom de cozinha, barbaridade, qualquer comida que tu me pedires.

E: Então nos conte aí uma receita.

I: Olha, tu já comeste um xinxim de galinha? Nunca! Bah! Que coisa gostosa! Xinxim de galinha é feito com camarão e galinha, azeite de dendê e leite de coco e temperos verdes,

sal, né? Isso [é o] |é os principais|. É uma comida gostosa.

E: E como é que se faz?

I: Ah! Bom, aí pega-se a galinha, bota ela na água, né? Depois desfia ela todinha desfiadinha, bem desfiadinha, e o camarão lava se ("e coisa, né?"). Bota a cozinhá-lo, tudo separadamente, um do outro. Bom, depois pega-se o camarão pronto, a galinha já desfiada, fria, tudo frio, se bota arroz, aí se faz um arroz normal, então vai se botando galinha e camarão e um pouco de molho, né? Galinha, camarão, molho e os temperos, depois se atira azeite de dendê, depois quando der aquela primeira fervura, que tu dás, tu vês que está fervendo mesmo, aí botas o leite de coco, e aí, minha filha, bota o prato à mesa, e se tiver uma colher aí pode me dar que eu vou firme. (Entrevista 1, Porto Alegre)

Em uma anedota, o falante narra, em geral de forma breve, um evento curioso, geralmente engraçado, podendo provocar risos. Em (8), o informante conta um episódio divertido da época em que abriu uma loja junto com o pai e a mãe.

(8) I: Trabalhei na Casa Cento e Treze junto com ele, e depois fui indo, entrando no ramo, né? Até que um dia ele pegou e achou por bem abrir o comércio e falou: "Olha, vamos tentar, vamos experimentar, né? tem eu, você e a mãe", as minhas irmãs eram pequenininhas ainda, "e [você] você ajuda?" "Ajudo." Então, me lembro até hoje, quando nós abrimos tinha duas peças, vamos supor, duas calças número trinta e seis. As duas eram iguais, né? Daí, chegava um freguês e "Eu queria uma calça número trinta e seis", "Pois não, o Senhor pode escolher então." (risos de E e de I) (Entrevista 5, Curitiba)

Considerando a multiplicidade de gêneros textuais passíveis de ser encontrados nas entrevistas sociolinguísticas – a exemplo dos aqui ilustrados –, que procedimentos pode adotar o pesquisador interessado em averiguar a possibilidade de existência de condicionamentos exercidos pelo gênero textual sobre o fenômeno variável que pretende investigar? Na próxima seção, traço algumas sugestões de estratégias metodológicas que podem ser aplicadas para o controle de gêneros textuais produzidos em entrevistas sociolinguísticas, bem como apresento razões para que esse controle seja levado a cabo.

4. Controle de gêneros textuais em entrevistas sociolinguísticas

Embora os gêneros textuais sejam elementos fundamentais em qualquer situação de comunicação, nem sempre os pesquisadores variacionistas realizam o controle do gênero em seus estudos e, muitas vezes, sequer discutem vieses que podem existir em seus resultados devido a características dos textos nos quais recolhem os dados, sejam esses textos entrevistas sociolinguísticas ou de quaisquer outros gêneros.

No tocante à entrevista sociolinguística, uma das características desse gênero textual, derivada de seu objetivo primário de obtenção de uma grande quantidade de fala do informante, é justamente que, como o informante tende a ser estimulado a produzir longos trechos de fala, podem emergir, como parte componente da entrevista, uma série de gêneros

textuais. Disso, são exemplos os diferentes gêneros textuais que encontrei nas entrevistas do banco de dados VARSUL, alguns dos quais descrevi e exemplifiquei na seção acima.

Uma vez que gêneros textuais variados podem ser tecidos no seio de uma entrevista sociolinguística, podemos considerá-la, seguindo a proposta de Martin (1994, 2002) e Martin e Rose (2008), um macrogênero textual. Aqui reside mais uma vantagem do uso de entrevistas sociolinguísticas em estudos variacionista, ao lado daquelas apontadas na seção 1: como macrogênero, a entrevista sociolinguística é um *corpus* que facilita ao pesquisador a coleta de dados produzidos em diferentes gêneros textuais. Em um único manancial, encontra-se uma heterogeneidade de gêneros!

Há pelo menos duas maneiras pelas quais os gêneros textuais podem exercer influência sobre a variação linguística. A primeira está no fato de que um gênero textual pode favorecer a produção de um grande número de ocorrências de determinado fenômeno variável e, assim, pode representar uma ótima fonte de dados para a pesquisa. Para o estudo da variação na indicação de tempo futuro, por exemplo, o gênero narrativa de experiência pessoal tende a não ser um bom *corpus*, pois predominam, nesse gênero, verbos no pretérito perfeito; em contraste, o gênero narrativa projetada,¹¹ em que predominam verbos no futuro, tende a ser um excelente *corpus* para a investigação desse fenômeno variável. Já no diz respeito ao estudo do preenchimento variável do sujeito de primeira pessoa do singular, as narrativas de experiência pessoal estão entre as fontes ideais, visto que, nelas, o informante conta eventos dos quais, em geral, foi o protagonista ou ao menos teve participação ativa.

Portanto, é de fundamental importância que o pesquisador considere detalhadamente as características do gênero textual que elegeu como fonte de dados a fim de não correr o risco de ver seu estudo inviabilizado pela baixa frequência de formas variantes: poucos dados geram resultados estatísticos de baixa significância.¹² A esse respeito, maior cuidado deve ter o pesquisador que se debruce sobre fenômenos variáveis dos níveis morfosintático e semântico-pragmático, cujas formas variantes tendem a ser menos recorrentes em comparação a formas variantes de natureza fonético-fonológica.

A outra maneira pela qual um gênero textual pode influenciar a variação linguística encontra-se em seu grau de formalidade característico. Os gêneros textuais em que predominam estilos mais informais podem representar contextos favorecedores para o uso de variantes marcadas estilisticamente como informais (ou mesmo estigmatizadas), em contraposição aos gêneros em que predominam estilos mais formais, que podem desfavorecer o uso dessas variantes. Em decorrência, o gênero textual pode ser tomado como um possível índice de variação estilística quando se lança o olhar sobre formas em variação,

¹¹ Em uma narrativa projetada, o informante relata eventos que não aconteceram, mas que ele prevê que acontecerão futuramente (cf. PAREDES SILVA, 2009).

¹² Por exemplo, é preciso grande atenção na análise de tendências de uso variável medidas através de peso relativo. O peso relativo é uma medida multidimensional ou multivariada importante para a pesquisa variacionista, pois resulta do controle simultâneo de vários elementos contextuais (no formato de múltiplas variáveis independentes/grupos de fatores) capazes de influenciar o fenômeno variável investigado. Em uma análise multivariada, “cada efeito de um fator na análise é calculado enquanto são controlados, até o máximo possível, os outros fatores” (cf. GUY; ZILLES, 2007, p. 100). Os pesos relativos variam de 0 a 1. Quanto mais próximo de 0 for o peso, menos influente é o fator que o recebeu; quanto mais próximo de 1, maior é a influência. Um peso de valor 0,5 tende a ser indiferente. Segundo as leis gerais da estatística, caso haja de 35 para mais ocorrências por célula em uma tabela – cada célula corresponde a cada um dos fatores integrantes de um grupo de fatores testado –, a análise do peso relativo atribuído ao fato correspondente à célula é confiável (com 100% de confiabilidade); se há de 10 até 34 ocorrências, a confiabilidade passa a ser de 90%; e se há menos de 10 ocorrências, o grau de aleatoriedade pode ser grande (cf. GUY, 1980; TAGLIAMONTE, 2012).

independentemente do nível dessas formas, ou seja, de variantes fonético-fonológicas a variantes discursivo-pragmáticas.¹³

Entre os gêneros encontrados em entrevistas sociolinguísticas, a narrativa de experiência pessoal destaca-se no que se refere à questão da formalidade. Em uma narrativa de experiência pessoal, são narrados eventos passados, sequenciais, discretos, específicos, pontuais, de ocorrência única, que representam, para o informante, eventos extraordinários de sua vida, isto é, eventos que aconteceram com ele e lhe provocaram emoções fortes como medo, tristeza, alegria ou raiva. Por essas características, a narrativa de experiência pessoal tende a ser um dos gêneros mais marcados pela informalidade em uma entrevista sociolinguística, pois, ao contar suas histórias pessoais, o informante costuma estar mais relaxado do que em outras sessões da entrevista (cf. COUPLAND, 2007) e mais absorto emocionalmente no que diz. Em geral, as narrativas de experiência pessoal relatam experiências catalisadoras – envolvendo eventos emocionantes, assustadores ou ao menos interessantes que aconteceram com o próprio informante – e, ao narrar essas experiências, o informante pode ser bastante arrebatado pelas emoções de reviver os eventos que está narrando. Por essa razão, ao tecer uma narrativa de experiência pessoal, o informante pode estar mais despreocupado com opiniões, julgamentos e expectativas do entrevistador do que em outros gêneros textuais que produz em sua entrevista, ao mesmo tempo em que pode tentar envolver emocionalmente o entrevistador no que está narrando. Desse modo, é possível que a fala do informante se torne um campo fértil para a emergência de estilos de fala mais informais.

Nas palavras de Labov (2004, p. 31):

Na maioria dos estudos sociolinguísticos da comunidade de fala, as narrativas de experiência pessoal desempenham um papel proeminente. Na entrevista sociolinguística, as narrativas são um dos meios primários de redução dos efeitos da observação e da gravação. Quando se dissecam as mudanças de estilo na entrevista, as narrativas mostram consistentemente uma mudança na direção do vernáculo – isto é, na direção do estilo de fala que é aprendido primeiro e que é usado na comunicação diária com amigos e familiares.¹⁴

Assim, quando o foco do estudo sociolinguístico recai sobre a questão da variação estilística, é fundamental levar em conta possíveis diferenças no comportamento do fenômeno variável que estiver sendo investigado quando as variantes aparecerem em narrativas de experiência pessoal em contraste com seu emprego em outros gêneros textuais. É possível, inclusive, que sejam propostos critérios para uma distribuição escalar dos gêneros em que forem encontrados os dados quanto ao grau de formalidade característico de cada um. Ao

¹³ Tavares (2012, 2014) traz evidências de que a distribuição de formas variantes do plano sintático pode ser distinta ao longo de uma entrevista sociolinguística em razão do grau de formalidade do gênero textual no qual foram produzidas. Semelhantemente, Gregersen e Barner-Rasmussen (2011) mostram que os diferentes gêneros textuais tecidos ao longo de entrevistas sociolinguísticas exercem influência sobre a variação fonética, possivelmente em decorrência de distinções de natureza estilística existentes entre esses gêneros.

¹⁴ Embora Labov não relacione a narrativa de experiência pessoal tipicamente elicitada em entrevistas sociolinguísticas com a questão dos gêneros textuais, Eckert (2001) e Macaulay (2001) lembram que esse tipo de narrativa é um gênero textual, inclusive quando desenvolvido dentro de uma entrevista sociolinguística. O mesmo aponta Paredes Silva (2010).

levar em conta o papel do gênero textual como um possível índice de variação estilística, o pesquisador poderá interpretar com mais refinamento e precisão os resultados por ele obtidos.

Mondorf (2010) atribui a negligência ao efeito do gênero textual em pesquisas variacionistas às dificuldades de operacionalização do controle dos gêneros. Visando trazer contribuições neste sentido – o de facilitar o trabalho do investigador sociolinguista fornecendo-lhe caminhos metodológicos que possam por ele ser percorridos – listo, a seguir, algumas estratégias metodológicas passíveis de ser empregadas para o controle do gênero textual em fenômenos variáveis.

Dependendo do foco que se pretende adotar no estudo, é possível: (i) coletar os dados de interesse na totalidade das entrevistas, controlando todos os diferentes gêneros textuais que aparecerem através de um grupo de fatores condicionadores; (ii) coletar os dados em dois ou mais gêneros textuais apenas e controlar esses gêneros através de um grupo de fatores condicionadores ou através de análises estatísticas em separado dos dados extraídos de cada gênero para, depois, cotejar os resultados dessas análises; (iii) considerar somente dados provenientes das narrativas de experiência pessoal, que, a princípio, é o mais informal dos gêneros textuais que aparecem em uma entrevista sociolinguística; (iv) comparar dados extraídos de um ou mais gêneros produzidos em entrevistas sociolinguísticas e em outros macrogêneros, como a conversação, tida como o mais informal dos gêneros;¹⁵ (v) contrastar dados provindos de diferentes gêneros textuais encontrados na entrevista de um mesmo informante, para observar a variação estilística em uma perspectiva mais particularizada (intrafalante); (vi) controlar, ao mesmo tempo, como grupos de fatores, gêneros textuais e sequências textuais.

Uma vez que um mesmo gênero textual pode ser composto por duas ou mais sequências textuais, o controle tanto do gênero quanto da sequência pode revelar qual dos dois fatores é mais relevante para um certo fenômeno variável. Por exemplo, se a distribuição das variantes for similar em, digamos, todos os gêneros narrativos controlados, é possível que a sequência narrativa seja mais significativa como fator condicionador do que os diferentes gêneros narrativos. No entanto, quando houver diferenças na distribuição das variantes entre gêneros da mesma esfera, provavelmente o gênero será mais significativo do que a sequência.¹⁶

É digno de nota que essas estratégias metodológicas podem ser aplicadas tanto à análise de dados referentes a um único período de tempo quanto de dados referentes a mais de um período, em estudos do tipo painel ou tendência (cf. LABOV, 2001b).¹⁷ Nesse último

¹⁵ O procedimento (iv) foi adotado, por exemplo, por Travis (2007), Gregersen e Barner-Rasmussen (2011) e Koven (2011).

¹⁶ A título de ilustração da estratégia (vi), aponto que Silva (2013) analisou a variação entre os conectores sequenciadores *e* e *aí* em textos de dois gêneros da esfera narrativa escritos por alunos de Ensino Fundamental, a narrativa de experiência pessoal e o conto. Os resultados trouxeram evidências de favorecimento do conector *aí* na narrativa de experiência pessoal e do conector *e* no conto, ao passo que as sequências textuais, também controladas pela autora, não se mostraram significativas (não tendo sido esse grupo de fatores selecionado como significativo na análise estatística multivariada): tanto *e* quanto *aí* predominaram em sequências narrativas com taxas de uso similares.

¹⁷ Um estudo do tipo tendência recorre a dados extraídos de *corpora* obtidos junto a informantes comparáveis entre si (por exemplo, em termos de características sociais como idade, gênero, classe social, etnia etc.), mas que foram gravados em diferentes períodos de tempo. O rótulo “tendência” deve-se ao fato de que “o intervalo de tempo real entre o primeiro conjunto de dados e os seguintes permite que se observe como as tendências progredem ao longo de uma comunidade” (MEYERHOFF, 2006, p. 131). Um estudo do tipo painel recorre a dados extraídos de *corpora* obtidos junto a exatamente os mesmos informantes gravados em dois períodos de

caso, a questão da mudança linguística em tempo real poderia ser considerada em relação a cada gênero textual controlado.

Quanto ao recorte dos gêneros textuais nas entrevistas sociolinguísticas, alerto que alguns trechos dessas entrevistas serão mais facilmente enquadrados em um ou outro gênero textual específico – em consonância com as características prototípicas de cada gênero, como aquelas descritas em referência aos gêneros textuais apresentados na seção 3. No entanto, poderá haver dificuldades na atribuição de certos trechos a um determinado gênero textual, caso tais trechos apresentem algumas características prototípicas desse gênero, mas não todas, ou caso tais trechos caracterizem-se pela sobreposição de dois ou mais gêneros (ocorrências de hibridez). Como bem lembra Paredes Silva (1997, p. 92) a respeito da categorização de gêneros textuais em estudos sobre fenômenos variáveis: é possível trabalhar com escalas e gradações relativamente aos protótipos, com a “vantagem de conferir maior flexibilidade ao tratamento das categorias e reconhecer a impossibilidade de, muitas vezes, se traçarem limites nítidos, quando examinamos os dados empíricos”.

Por conseguinte, a cada estudo, o pesquisador precisará levantar e discutir problemas ligados à segmentação dos trechos das entrevistas sociolinguísticas relativamente aos gêneros textuais em que estiver interessado, bem como precisará propor critérios bem definidos para o estabelecimento de distinções entre os gêneros. De qualquer forma, considero que a existência de certa margem de erro nas segmentações será natural, decorrente da natureza às vezes sobreposta ou indistinta do objeto submetido aos recortes, o gênero textual.

Considerações finais

Neste texto, a entrevista sociolinguística, gênero textual ligado ao domínio de um dos ramos da linguística, a sociolinguística variacionista, foi caracterizada como um macrogênero textual por abrigar diferentes gêneros. A seguir, foram descritos e exemplificados textos de gêneros variados produzidos em entrevistas sociolinguísticas do banco de dados VARSUL: narrativa de experiência pessoal, narrativa habitual, relato de opinião, narrativa vicária, narrativa autobiográfica, narrativa reportando enredo de filme, receita culinária e anedota. Na sequência, foram apontadas e discutidas duas maneiras cruciais pelas quais os gêneros textuais produzidos no decorrer de uma entrevista sociolinguística podem exercer influência sobre a variação linguística em si. Por fim, foram propostas seis estratégias metodológicas para o controle do gênero textual em entrevistas sociolinguísticas.

Portanto, foram cumpridos todos os objetivos que tinham sido inicialmente propostos e, assim, acredito ter sido possível contribuir para a ampliação do conhecimento sobre as características da entrevista sociolinguística no que se refere à questão dos diferentes gêneros textuais que nela podem ser tecidos. Além disso, este estudo serve como um alerta para o fato de que, uma vez que os resultados de qualquer estudo sociolinguístico podem ser afetados pela natureza do *corpus* no qual os dados foram coletados, torna-se imprescindível o controle ou, ao menos, a reflexão sobre o gênero ou gêneros textuais que integram esse *corpus*. No caso de um *corpus* composto por entrevistas sociolinguísticas, as características desse gênero textual – com suas potencialidades e limitações (algumas das quais discutidas nas seções prévias) – devem ser levadas em conta no momento da análise dos resultados.

tempo distintos. O rótulo “painel” deve-se ao fato de que esse tipo de estudo envolve “obter e reobter amostras de um único painel ou grupo de falantes” (MEYERHOFF, 2006, p. 132).

Texts of different genres produced in sociolinguistic interviews: the case of VARSUL data base

ABSTRACT: In variationist sociolinguistics, the sociolinguistic interview is the most widely used source of data. The sociolinguistic interview is a textual macro-genre which can hold different genres. Given this fact, this study aims at: (i) mapping textual genres in fifteen interviews from VARSUL data base; (ii) drawing attention to the importance of controlling for genre as a conditioning factor; and (iii) proposing methodological strategies for this control. As a result, I show that there are different genres in the interviews analyzed, mainly narratives of personal experience, opinion reports and habitual narratives. Further, I introduce different methodological strategies for controlling textual genres in sociolinguistic interviews.

Keywords: sociolinguistic interview; textual macro-genre; VARSUL

REFERÊNCIAS

BISOL, L.; MENON, O. P. S.; TASCA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (Orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil – uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7 Letras/FAPERJ, 2008. p. 50-58.

BONINI, A. A noção de sequência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005. p. 184-236.

COLLISCHONN, G.; MONARETTO, V. O. Banco de Dados VARSUL: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. *Alfa*, São Paulo, v. 56, n. 3, p. 835-853. 2012.

COUPLAND, N. *Style: language variation and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DORGELOH, H.; WANNER, A. (Eds.). *Syntactic variation and genre*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

ECKERT, P. Style and social meaning. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

FEAGIN, C. Entering the community: fieldwork. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). *The handbook of language variation and change*. Cambridge: Blackwell, 2002. p. 20-39.

FREITAG, R. M. K.; REIS, M.; BACK, A. C. D. P.; ROST-SNICHELOTTO, C. A. O controle do gênero textual/sequências discursivas na motivação da variação sociolinguística: apontamentos metodológicos. *Odisseia*, Natal, n. 3, p. 1-23. 2009.

GREGERSEN, F.; BARNER-RASMUSSEN, M. The logic of comparability: on genres and phonetic variation in a project on language change in real time. *Corpus Linguistics and Linguistic Theory*, v. 7, n. 1, p. 7-36. 2011.

GUY, G. R. Variation in the group and the individual: the case of final stop deletion. In: LABOV, W. (Ed.). *Locating language in time and space*. New York: Academic Press, 1980. p. 1-36.

GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

KAJORNBOON, A. B. *Using interviews as research instruments*. 2004. Disponível em: <<http://www.culi.chula.ac.th/e-Journal/bod/Annabel.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2011.

KNIES, C. B.; COSTA, I. B. *Manual do usuário: banco de dados linguísticos VARSUL*. UFPR, UFSC, UFRS e PUC-RS, 1996. Impresso.

KOVEN, M. Comparing stories told in sociolinguistic interviews and spontaneous conversation. *Language in Society*, v. 40, p. 75-89. 2011.

LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, W. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, J.; SHERZER, J. (Eds.). *Language in use*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1984. p. 28-53.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001a. p. 85-108.

LABOV, W. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001b.

LABOV, W. Ordinary events. In: FOUGHT, C. (Ed.). *Sociolinguistic variation: critical reflections*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 31-43.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de M. Bagno, M. M. P. Scherre e C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LABOV, W. *The language of life and death: the transformation of experience in oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

LABOV, W.; WALETSKY, J. Narrative analysis: oral versions of personal experience. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). *Sociolinguistics: the essential readings*. Cambridge: Blackwell, 2003[1967]. p. 74-104.

MACAULAY, R. K. S. *Locating dialect in discourse: the language of honest men and bonnie lasses in Ayr*. Oxford: Oxford University Press, 1991.

MACAULAY, R. K. S. The question of genre. In: RICKFORD, J. R.; ECKERT, P. (Eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 78-82.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTIN, J. R. Macro-genres: the ecology of the page. *Network*, v. 21, p. 29-52. 1994.

MARTIN, J. R. Design and practice: enacting functional linguistics. *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 20, p. 116-126. 2000.

MARTIN, J. R. A universe of meaning – how many practices? In: JOHNS, A. M. (Ed.). *Genre in the classroom: multiple perspectives*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 2002. p. 269-278.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London: Equinox, 2008.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola, 2005.

MEYERHOFF, M. *Introducing sociolinguistics*. New York: Routledge, 2006.

MILROY, L.; GORDON, M. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.

MONDORF, B. Genre effects in the replacement of reflexives by particles. In: DORGELOH, H.; WANNER, A. (Eds.). *Syntactic variation and genre*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 219-245.

PAREDES SILVA, V. L. Forma e função nos gêneros de discurso. *Alfa*, São Paulo, v. 41, n. esp., p. 79-98. 1997.

PAREDES SILVA, V. L. Narrativa projetada. In: V Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais (SIGET), 2009, Caxias do Sul. *Anais...* Caxias do Sul: UCS, 2009, p. 1-12.

PAREDES SILVA, V. L. Gêneros e tipos de texto: aproximações e distinções. *Diacrítica*, Braga, v. 24, p. 471-489. 2010.

RIESSMAN, C. K. Beyond reductionism: narrative genres in divorce accounts. *Journal of Narrative and Life History*, v. 1, n. 1, p. 41-68. 1991.

SILVA, G. M. O.; MACEDO, A. V. T. Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais. In: MACEDO, A. V. T.; RONCARATI, C. N.; MOLLICA, M. C. (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 11-49.

SILVA, W. P. B. Conectores *sequenciadores E e AÍ em contos e narrativas de experiência pessoal escritos por alunos de ensino fundamental: uma abordagem sociofuncionalista*. 2013.

120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2013.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

TAGLIAMONTE, S. A. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Cambridge: Wiley-Blackwell, 2012.

TAVARES, M. A. Variação estilística no gênero “entrevista sociolinguística”: os conectores E, AÍ e ENTÃO em narrativas de experiência pessoal e relatos de opinião. In: OLIVEIRA, M. S. et al. (Orgs.). *Anais do VI Simpósio Internacional de Gêneros Textuais*. Natal. 2011. p. 1-14.

TAVARES, M. A. O papel do gênero textual na variação estilística: em busca de padrões comunitários. *Revista do GELNE*, v. 14, n. esp., p. 239-257. 2012.

TAVARES, M. A. Variação estilística e gênero textual: o caso dos gêneros textuais produzidos no macrogênero entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 205-226.

TRAVIS, C. E. Genre effects on subject expression in Spanish: priming in narrative and conversation. *Language Variation and Change*, v. 19, n. 2, p. 101-135. 2007.

VALLE, C. R. M.; GÖRSKI, E. M. Por um tratamento multidimensional da variação estilística na entrevista sociolinguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (Orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014. p. 95-124.

VANDRESEN, P. Apresentação. In: VANDRESEN, P. (Org.). *Variação e mudança no português falado na região sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 5-14.

WATT, D. Variation and the variable. In: LLAMAS, C.; MULLANY, L.; STOCKWELL, P. (Eds.). *The Routledge companion to sociolinguistics*. New York: Routledge, 2007. p. 3-11.

Data de envio: 19/05/2014

Data de aceite: 16/03/2015

Data de publicação: 23/04/2015